

O fabulista La Fontaine

David Mourão-Ferreira

Para citar este documento / To cite this document:

David Mourão-Ferreira, "O fabulista La Fontaine", *Colóquio/Letras*, n.º 168/169, Jul. 2004, p. 207-213.

O FABULISTA LA FONTAINE

VAMOS hoje conversar, tranquilamente, sobre um grande poeta que soube ser sempre um homem tranquilo. Chamava-se La Fontaine, Jean de La Fontaine — e estou em crer que o seu nome, pelo menos, é conhecido de muita gente. Conhecido, que mais não seja, como autor daquelas *Fábulas* — em que muitas pessoas falam, mesmo sem nunca as terem lido, e de que outras pessoas conservam ainda uma grata ou penosa recordação, por terem aprendido de cor algumas delas, durante a infância... Ora a verdade é que La Fontaine não é apenas o autor das *Fábulas*: é também um malicioso poeta galante, por vezes mais que malicioso... mas sempre extremamente divertido. Seja como for, é apenas das *Fábulas* que iremos hoje falar. Ou antes: somente iremos evocar algumas das suas *Fábulas*, limitando ao mínimo indispensável as referências sobre o poeta e a sua obra.

Disse um dia Fernando Pessoa, pela pena do seu heterónimo Alberto Caeiro: «Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia, / Não há nada mais simples. / Tem só duas datas — / a da minha nascença e a da minha morte. / Entre uma e outra cousa todos os dias são meus.» Pois estas palavras aplicam-se que nem uma luva ao caso de La Fontaine. Entre a sua nascença e a sua morte, também todos os dias lhe pertenceram, ainda quando tinha necessidade de se *emprestar* — apenas *emprestar* — a certos protectores poderosos, sem os quais, nesse tempo, os pobres poetas (e, mais ainda, os poetas pobres) não podiam praticamente viver. E aqui vão, como as únicas datas realmente importantes, a do seu nascimento e a da sua morte: começos de Julho de 1621 e 13 de Abril de 1695.

Cerca dos sessenta anos — aí por 1680 — um pintor da época retratou-o deste modo: e o seu olhar, como estão a ver, é o de um homem que observou já muita coisa... Uma dúzia de anos mais tarde, eis como um grande escultor — Houdon — retratou o seu rosto, de maneira ainda mais impressiva, ainda mais reveladora... É, de resto, com este sorriso que o adivinhamos, ainda hoje, a escrever quase todas as suas *Fábulas*. Esta, por exemplo, que apresentaremos numa tradução de Francisco Palha:

*Viviam certas rãs num charco imundo
Em república plena. Era um pagode!*

*Tal qual uns democratas que há no mundo
Julgando que a república, no fundo,
Outra coisa não é senão a gente
Fazer o que bem quer e quanto pode,
A rã tripudiava impunemente.
Todos os dias era certo o choque
Entre o batráquio forte, intransigente,
E parte da nação já descontente
Que a Júpiter pedia ou rei ou roque.*

*O deus fez-lhe a vontade.
Largou-lhe lá do céu um rei pacato,
De suma gravidade.*

*Das alturas tombando, o rei na queda
Fez tal espalhafato,
Que as fêmeas em pavor, os machos fulos,
Aquelas saltitando, estes aos pulos,
Como é uso das rãs nas grandes crises,
Cada qual a gritar: arreda! arreda!
Entre os juncaís, no lodo, nas raízes
Dos salgueirais se enreda.*

*Por longo tempo em seus esconderijos
Das rãs esteve homiziado o povo.
Transformaram-se em medo os regozijos
Da antiga bacanal. Gigante novo
Cuidavam ser o rei que o céu lhes dera.
Não ousavam sequer sair da toca;
Pois, não raro, os instintos maus da fera
Por imprudente a presa é que os provoca.
Já nessas eras muito a pêlo vinha
Dizer: Cautela e caldos de galinha...*

*O rei era um pedaço de madeira.
Nem mais, nem menos. Numa bela tarde
Uma das rãs, por ser menos covarde
Ou mais bisbilhoteira,
Tirou-se de cuidados, manso e manso
Na flor das águas surge, e às guinadinhas
Com muito tento e jeito,
Do cepo se aproxima.
Após ela vem outra... e outra... aos centos!*

*Vendo que o rei não sai do seu ripanço,
Rodeiam-no; coaxam: Salta acima!...*

E coaxado e feito!...

*O rei, temido outrora, às picuinhas
Dessa chusma vilã se vê sujeito.*

Em rápido momento

*Sobre ele a malta audaz se encarrapita,
E faz do bom monarca um bom assento.
Nem chus nem bus! Calado que nem porta,
Qual fora noutros tempos!...*

Isto irrita.

Rompem as rãs então numa algazarra

Que o pântano atordoia,

Os fios de alma a quem as ouve corta:

*«Leva daqui, ó Jove, esta almanjarra
que nem mexe, nem pune, nem perdoa,
E mais parece uma alimária morta,*

Cabide duma croa

Em vez de nosso rei — nossa vergonha!»

Vai Júpiter que faz? Uma cegonha,

Das muitas que possui, logo destaca,

E manda que das rãs ponha e disponha,

Numa das mãos o queijo e noutra a faca.

Ora a cegonha, apenas em seu trono

Dona das rãs se vê e sem ter dono,

Diz consigo:

«Nasci dentro dum fole!

Quem tira agora o papo da miséria

Sempre sou eu!...»

Passeia toda séria,

Perna aqui... perna além, num andar mole,

E quanta rã apanha quanta engole.

Geral consternação o charco enluta,

Renovam-se as lamúrias:

Que o rei é doido e tem às vezes fúrias:

Que, doido ou não, o povo trata à bruta:

Por fim, que faça o deus formal promessa

Doutro rei que as não coma tão depressa!

O Júpiter tonante

Destarte lhes responde:

«Inútil prece!

*Dei-vos um rei tranquilo, inofensivo,
Que nem sempre se tem nem se merece:*

Um rei que era um regalo!

Foi vê-lo e pô-lo pela barra fora!

Dei-vos segundo: um génio um pouco vivo.

Meninas, aguentá-lo!

Era bom o primeiro e foi-se embora.

É mau este de agora.

*Contentai-vos com ele, ó meus endezes,
Que venha quem vier... pior mil vezes!»*

Muitas são as fábulas de La Fontaine que, tal como esta, não necessitam de nenhuma explicação, de nenhum comentário, apesar de poderem ser, por outro lado, *comentadas* indefinidamente... Mas esse é justamente o grande segredo da sua «escrita», da sua maneira de escrever: logo acessível à primeira abordagem, inesgotável quanto mais se lê... É evidente, além disso, que o facto de La Fontaine recorrer aos animais como personagens das suas *Fábulas* — é apenas um expediente de quem finge que baralha o jogo... O disfarce está geralmente bem à vista; e, aliás, nem sempre são animais os protagonistas: às vezes são pessoas, às vezes são também os elementos... Assim acontece, para não irmos mais longe, nesta outra fábula que lhes vou ler, em tradução de Couto Guerreiro:

*Entraram em contenda o Sol e o Vento
Sobre qual tem mais força, mais alento.
Passava nesse tempo um caminhante,
Assentaram que havia ser triunfante
O que tivesse forças, que lhe bote
Dos ombros para fora o seu capote.*

*Fez o Vento tal força, que mostrava
Que já por esses ares lho levava,
Mas o dono às mãos ambas o sustenta;
Porém foi tal a força da tormenta,
Que ele já de sustê-lo desanima,
E, enrolando-se bem, deitou-se em cima.
O Vento andou de roda, deu-lhe um jeito,
Deu-lhe outro; porém tudo sem efeito.*

*Entrou na empresa o Sol, mas sem violência,
Antes com mansidão e com clemência:*

*No meio de uma tal serenidade
Os raios tinham tanta actividade
Que já os não sofria o passageiro.
Chegou-se a um sombrio castanheiro,
O capote depôs, que o martiriza,
A veste, e fica em mangas de camisa:
Com assombro do Vento furioso,
Ficou por manso o Sol vitorioso.*

Outras vezes, o nosso La Fontaine mistura os animais e as pessoas, numa mesma fábula, e apenas, em certas ocasiões, para daí extrair uma simples anedota. Mas qualquer anedota, nas mãos de La Fontaine, reflecte sempre uma lição moral, uma experiência da vida, um modo pessoalíssimo de entender o mundo... Reparem, a esse respeito, em mais esta fábula (trata-se, agora, de uma tradução de Alberto França):

*Sempre o vulgo, pendente de seus lábios,
Mais crê num charlatão que em vinte sábios.*

*Na corte um se gabava, certo dia,
De ter tão grande ciência,
De ser tão grande mestre de eloquência,
Que até de um burro um orador faria.
Disto el-Rei sabe, e diz-lhe: «Do jumento
Que vás-de encontrar na minha estrebaria,
Fazer vais pois um orador portento!»
Mediante certa adiantada soma,
O charlatão o compromisso toma;
Combina mesmo, audaz, ser enforcado
Se em anos dez tal não tiver obrado.
«Vais na forca dançar!» — lhe diz alguém.
Responde o charlatão: «P'rigo não tem;
Antes que o prazo finde, a negra Parca
Um dos três tem levado:
Ou o monarca,
Ou o jumento, ou este seu criado.»
Teve razão; é de cabeça tonta,
Com dez anos de vida fazer conta.*

Esta bonomia, esta sabedoria — são realmente os grandes trunfos de La Fontaine. Mas ele tem ainda o estofado de um finíssimo psicólogo: e isso é particu-

larmente visível na última das suas *Fábulas* que hoje apresentaremos. É sobre uma jovem viúva; trata-se, quanto a nós, de uma das suas obras-primas; e a respectiva tradução, de Jaime de Séguier, consegue não trair, de modo algum, a graça do original.

*Não é sem soluçar que se perde um marido:
Mas tudo tem um fim, mesmo um grande alarido,
E a que mais chorincou e mostrou mais pesar
Acaba por calar-se e por se consolar.
Apaga o tempo a dor e reaviva a alegria.
Que querem? Não fui eu que fiz o bicho humano.
Entre a viúva dum ano
E a viúva dum só dia,
A diferença é tal, que se diria
Não ser de certo a mesma e haver por força engano.
Enquanto uma sorri e nos encanta e atrai,
A outra, derramando um pranto amargo em chuva,
Solta de quando em quando a mesma nota: um ai!
O que faz exclamar a quem passando vai:
«Eis uma inconsolável viúva!»*

Sim? Pois não foste! Ora escutai:

*Para o negro país donde ninguém voltou,
Duma esposa gentil o esposo ia partir.
Clamava ao lado a esposa: «Espera! Eu também vou!
Oh! leva-me contigo: eu quero-te seguir!»
O marido partiu, mas sozinho. Pudera!
Seguiu-se a usada dor sincera ou não sincera.
A bela tinha um pai, homem fino e prudente
Que foi deixando escoar toda aquela torrente,
E que um dia observou: «Oh, menina, eu suponho
Que isto afinal é já choro demasiado.
O pranto estraga a pele e fica-se medonho.
Eu sempre te pergunto,
De que serve ao finado
Essa dor excessiva?*

*Inda por cá no mundo há muita gente viva.
Deixemos em sossego o pobre do defunto.
Eu não pretendo já que troques os teus goivos
Pelas galas joviais e floridas dos noivos.
Mas, enfim, se eu vier, dum certo prazo ao fim,*

*Propor-te, minha cara, em guisa de conforto,
Que aceites como esposo e concedas o sim
A um gentil rapaz, apessoado, enfim*

Muito melhor que o morto...

— Não quero, atalhou ela, alívio ao meu tormento!

Só por esposo aceito o claustro dum convento!»

Que havia a responder? Nada. Foi o que fez

O nosso velho astuto.

Assim se foi passando um mês. No outro mês,

Já se pensou um pouco em guarnecer o luto.

Cada dia se nota uma nova mudança

Na forma do vestido ou na do penteado.

Já se ri, já se brinca e se joga e se dança.

Deitou-se para trás das costas o passado.

O pai já não receando o tal que se finou,

Não pensa mais no resto ou se faz esquecido,

Quando a filha lhe diz: «Ó papá, e o marido?

— Hem! Qual marido? — O tal, em que o papá falou!»